

A HISTÓRIA ESCRAVISTA DA CIDADE DE PETRÓPOLIS E O QUILOMBO TAPERA

Carolina Silveira Samy Motta Pereira; Júlia Lima Maciel da Paixão¹

RESUMO

O trabalho tem como objetivo propor um olhar crítico a respeito da história da cidade de Petrópolis, com particular interesse na valorização da contribuição dos negros escravizados e sua luta. Tendo como objeto de estudo o racismo e escravidão contidos na formação da Cidade Imperial, bem como a resistência do Quilombo Tapera, localizado em Petrópolis. As principais categorias teóricas são: desenvolvimento capitalista e quilombagem. Foram utilizados os recursos da pesquisa e análise bibliográfica e documental. Concluiu-se que há permanências de apagamento e silenciamento das lutas que conectam o Quilombo Tapera com a história local, sendo, portanto, a quilombagem ainda um conceito útil para o desvelar do protesto radical do negro no Brasil.

Palavras-Chaves: Colonialismo; Capitalismo; Racismo; Quilombagem

ABSTRACT

The purpose of this work is to propose a critical perspective on the history of the city of Petrópolis, with a particular interest in valuing the contribution of enslaved black people and their struggle. The research focuses on the racism and slavery embedded in the formation of the Imperial City, as well as the resistance of the Tapera Quilombo, located in Petrópolis. The main theoretical categories are capitalist development and quilombagem (quilombos' resistance movements). The resources were bibliographic and documentary research and analysis were utilized. It was concluded that there are still instances of erasure and silencing of the struggles connecting the Tapera Quilombo to the local history, hence quilombagem remains a useful concept for unveiling the radical protest of Black people in Brazil.

Keywords: Colonialism; Capitalism; Racism; Quilombagem (quilombos' resistance movements).

¹ Universidade Federal Fluminense; Graduandas de Serviço Social; cmotta@id.uff.br; jlmpaixao@id.uff.br

1. INTRODUÇÃO

Chimamanda Ngozi Adichie, disserta em seu livro “O perigo de uma história única”, sobre como as histórias foram usadas para caluniar e espoliar e como podem despedaçar a dignidade de um povo, no entanto quando rejeitamos a história única e percebemos que nunca existe uma só história sobre lugares, pessoas, povos e línguas, reavemos uma espécie de paraíso. A autora define como “história única” uma narrativa incompleta e limitada a partir da construção de um estereótipo sobre um determinado grupo e a sua relação com o poder, considerando quem, quando e de que maneira as histórias são contadas.

Na adaptação da palestra proferida por Chimamanda no Ted Talk em 2009, a autora nigeriana relata sobre diversas experiências pessoais e dá exemplo sobre essas “histórias únicas” e as suas consequências, como a perpetuação de estereótipos e preconceitos. Como exemplo, a escritora fala sobre o seu processo de rompimento com a literatura britânica e americana e o descobrimento dos livros africanos. Quando aprendeu a ler e escrever, todos os livros infantis eram protagonizados por personagens brancos e de olhos claros que brincavam na neve, apesar de Chimamanda nunca ter saído do próprio país, ela escrevia exatamente o que lia. A sua literatura passou por uma mudança quando descobriu escritores africanos. Desde então, a autora começou a escrever sobre coisas as quais ela se reconhecia. Essa descoberta a salvou da perspectiva única abrindo espaço para uma compreensão ampliada sobre os livros e as suas imensas possibilidades, inclusive podendo reconhecer em personagens características como as dela.

Tendo como ponto de partida a argumentação da referida autora, tomamos como importante reconhecer as particularidades da realidade em que estamos inseridas buscando articular os elementos mais gerais como também identificar o protagonismo e resistência dos sujeitos que produzem riquezas. Nesse sentido definimos como interesse de pesquisa o processo de povoamento da Cidade Imperial a partir de outras perspectivas, com um olhar sensível e crítico e com o objetivo de romper com a “história única” sobre a fundação da cidade de Petrópolis e os seus desdobramentos, bem como o reconhecimento da importância e valorização da memória negra e dos escravizados e as suas lutas, representados pela história e luta do Quilombo Tapera.

A abordagem tem como referência a perspectiva materialista dialética conectada nas contribuições de autores que enfatizam a questão racial em suas

análises considerando dessa forma a consubstancialidade da exploração e das opressões que conformaram características específicas nas diferentes formações sociais. O aporte fornecido por Clóvis Moura e Frantz Fanon contribuiu para fundamentação da formação da Cidade Imperial e a importância do Quilombo Tapera, considerando as contradições e lutas estabelecidas partir constituição das relações capitalistas no Brasil inseridas no processo de expansão do mercado europeu. O racismo, a racialização e hierarquização dos povos, foi instrumento essencial para o desenvolvimento do capitalismo, impondo o apagamento das memórias dos nativos e dos escravizados, assim como a destituição de suas humanidades e a expropriação das terras indígenas.

Para nos aproximarmos da história e significado de resistência do Quilombo Tapera na cidade de Petrópolis, apresentamos algumas considerações sobre as características da formação das relações capitalistas no Brasil que se constituíram em relação com a “assim chamada acumulação primitiva de capital” (Marx, 1984) nos países europeus que serviu de base para um sistema colonial racializado imposto nas Américas e que no Brasil adquiriu uma dimensão peculiar com a grande expressão do tráfico de escravizados e com seu período de Imperial.

A cidade de Petrópolis tem uma importância ímpar nessa trajetória imperial da formação social brasileira e é retratada nos livros de história oficiais na perspectiva da nobreza, tratamos aqui da “história que a história não conta” adotando como perspectiva da história a luta e resistência à expropriação, exploração e opressão representada no Quilombo Tapera.

2. CAPITALISMO, COLONIALISMO E RACISMO

O capitalismo como sistema fundado na exploração do trabalho assalariado, na mercantilização das relações sociais e na captura de formas de opressão que perpetuem a dominação burguesa, se desenvolve de forma desigual pelos territórios globais. É um modo de produção que visa o lucro acima de qualquer coisa, e esse lucro vem por meio da exploração da classe proletariado (classe subalterna, ou classe de trabalhadores) pela classe burguesa (classe dominante), que detém a propriedade privada dos meios de produção, aquilo que é necessário para se produzir.

A classe burguesa adquire tais propriedades, dizem pensadores liberais, por meio de uma poupança prévia que forjou a fortuna dos mais ricos. Segundo Adam Smith “[...] a acumulação de capital, por sua natureza, deve ser anterior (previous) à

divisão do trabalho” (SMITH, 1983, p.243). O filósofo Karl Marx, em seu livro O Capital, capítulo 24: “A Assim Chamada Acumulação Primitiva”, prova que isso é um mito! A suposta acumulação primitiva provém da expropriação dos meios de produção. No caso do capitalismo brasileiro é o colonialismo que vai proporcionar o enriquecimento, a partir da escravização e colonização.

A descoberta das terras do ouro e da prata, na América, o extermínio, a escravização e o enfurnamento da população nativa nas minas, o começo da conquista e pilhagem das Índias Orientais, a transformação da África em um cercado para a caça comercial às peles negras marca a aurora da era de produção capitalista (MARX, 1984, I, 2: 285)

A colonização do Brasil é marcada pelo saque, expropriação, violência e dominação dos povos nativos e nossas riquezas. Assim, o capitalismo surge no Brasil pelo que Florestan Fernandes chama de “uma via não clássica”, sendo também dependente e retrógrado. Dependente, pois esse capitalismo vai ter uma subordinação econômica aos países de capitalismo central, endividamentos e venda de mão de obra barata, e retrógrado pois há o não o rompimento com questões estruturais da nossa formação social que trouxe uma herança colonial representada pela permanência dos latifúndios, permanência das oligarquias e histórico de escravidão.

O liberalismo na época da escravidão plena brasileira, antes da proibição do tráfico negreiro com a África, era um liberalismo escravista. Nesse conjunto de pensamentos, acredita-se que a liberdade é inerente ao homem branco. É natural ver outro ser humano como uma propriedade privada, num processo de coisificação, e propriedades privadas, ou coisas, não são homens, portanto não merecem a liberdade. Esse paradoxo é conhecido como Paradoxo Lockeano, vindo de Locke, um liberalista proprietário de escravos.

No escravismo tardio (MOURA, 1988), após a proibição do tráfico negreiro, há uma coexistência com o trabalho assalariado. A Imigração Europeia tinha também como objetivo ocupar os postos de trabalho, gerando um grande exército industrial de reserva² não-branco. Na transição escravismo-capitalismo, sobrou a população negra marginalizada o subemprego e o trabalho informal, numa superexploração.

² O Exército Industrial de Reserva corresponde, na teoria Marxista, a “um grande contingente de trabalhadores desempregados, que não encontra compradores para sua força de trabalho” (NETTO, 2006) e que é essencial para o funcionamento do modo de produção capitalista.

A história social é movida por interesses conflitantes, e, por isso aspectos de um determinado contexto podem ser adaptados para que padrões de poder se perpetuem e apareçam renovados em períodos mais complexos. No Brasil a independência jurídica em relação a Portugal ocorreu antes da abolição da escravidão, dando, assim, tempo para a organização de um país racista, o último país a abolir a escravidão de negros e negras nas Américas.

Um país onde se propagou a eugenia, o embranquecimento, e o Mito da Democracia Racial. Tal ficção alimenta a retórica da igualdade de condições e oportunidades entre brancos e negros já que esta igualdade é pautada pela justiça.

O racismo colonial, que teve como principal característica o bárbaro e lucrativo escravismo, se metamorfoseou e se expressa na atualidade nas desigualdades de acesso à educação, de habitação e de emprego entre brancos e não brancos. A dinâmica de manutenção do racismo no Brasil se destacou em três dos processos: (1) o da mestiçagem, que tinha como objetivo “branquear” a população com uma grande imigração de Europeus para o Brasil, (2) o processo de aculturação, processo de apagamento das culturas afro-brasileira e indígena e (3) o processo da divisão racial do trabalho, onde os não-brancos ficam com os empregos menos desejados ou com baixa remuneração e trabalhos braçais. O que constituiu uma imagem do negro ligada a brutalidade, selvageria, o oposto do progresso

3. A HISTÓRIA DA CIDADE IMPERIAL

A região de Petrópolis era conhecida como “Sertão dos Índios Coroados” visto que, antes da invasão dos colonizadores em busca de ouro nas terras do estado de Minas Gerais, era habitada pelos povos indígenas Coroados. Portanto, a Serra da Estrela, onde se encontra Petrópolis, era quase desconhecida entre os portugueses nos primeiros anos da colonização. A fim de facilitar a chegada até às minas de ouro, os colonizadores invadiram a região e abriram o Caminho Novo, também chamado de Estrada Real. Este tornou-se um caminho oficial, em 1699, para o transporte seguro do ouro extraído nas vilas mineradoras. Vale lembrar que a região não tinha nenhuma atividade econômica, salvo por algumas expedições com o objetivo de distribuir terras destinadas à produção agrícola, não à toa que o município conta com inúmeras fazendas.

Após a abertura do Caminho Novo, a região tornou-se subordinada às atividades econômicas, tais como habitação e alimentação dos viajantes às vilas

mineradoras e produção agrícolas de gêneros alimentícios visto a adoção dos sistemas de sesmarias. Em 1822, período imperial, Dom Pedro I, a caminho de Minas Gerais pelo Caminho do Ouro, hospedou-se na fazenda do Padre Correia e decidiu pela compra de uma fazenda na região. A fazenda recebeu o nome de Fazendo do Córrego Seco que passou a ser chamada de Imperial Fazenda do Córrego Seco, onde pretendia a construção de um palácio.

Em 1843, com o Decreto Imperial nº 155, inicia-se o projeto do Palácio de Verão e povoamento de Petrópolis, tendo como objetivo tornar a cidade como destino de viagens de lazer e descanso da corte. O Major Koeler ficou responsável pelo plano de povoamento da região e compreendia a doação de terras da família imperial à colonos livres para tornarem-se produtores agrícolas e construir a nova povoação. Assim, nasceu a Cidade Imperial, com a ideia de substituir o trabalho escravo por um trabalho livre. Além disso, o Major Koeler colocou ações da Companhia de Petrópolis na Bolsa de Valores com o intuito de arrecadar fundos para a efetivação de seu projeto.

Com o fervor da Revolução Francesa e a Revolução Industrial, a população alemã, que estava completamente desiludida politicamente e financeiramente, foram às Américas em busca de melhores condições de vida. Portanto, com o objetivo de familiarizar e facilitar a adaptação das colônias alemãs, o Major Koeler nomeou diversos quarteirões com nomes de suas regiões de origem.

Com a Proclamação da República, em 1889, a família real foi exilada e temia-se que a cidade fosse invadida por rebeliões e retaliações republicanas, porém, não aconteceu. As funções administrativas, econômicas e políticas foram exercidas pelos governadores nomeados. Nilo Peçanha, presidente do Estado do Rio de Janeiro, em 1924, nomeou Oswaldo Cruz à prefeito da cidade, onde tentou se alinhar com as novas ideias e apagar as lembranças da Monarquia. A região contou com a presença de inúmeros políticos, tornou-se um “point” social, sendo Getúlio Vargas o que mais se aproximou da Cidade Imperial.

Logo, a região, sendo palco de diversos momentos históricos, sociais e políticos tornou-se uma atração turística por todo o mundo. O Museu Imperial, o Palácio Quitandinha e a Catedral São Pedro de Alcântara são exemplos de postos turísticos da Cidade Imperial.

4. A MEMÓRIA NEGRA EM PETRÓPOLIS E O APAGAMENTO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA.

Segundo Fanon, “o mundo colonizado é um mundo cortado em dois” (LIPPOLD, Walter; 2010). Esse mundo é dividido entre o “explorado” ou o colonizado, e o “poderoso”, o colonizador. A cisão colonial anuncia e se articula à divisão de classes que potencializa todas as possibilidades de exploração e dominação, sendo o racismo uma das opressões conectivas desse processo.

Nessa perspectiva, é fundamental contar a história do município de Petrópolis, também conhecido como a Cidade Imperial, a partir das cisões impostas e das experiências das pessoas não-brancas, polo expropriado, explorado e oprimido.

A história contada sobre a Cidade Imperial, tem como ponto de partida a visão dos colonizadores portugueses. Logo, imagina-se que a região foi construída pela mão de obra livre e pelos povos germânicos. No entanto, há um grande silenciamento no que diz respeito à presença de escravizados africanos na construção da história da cidade e utilizando-se disso como objeto político.

Com a liderança do populista Getúlio Vargas, em 1930, e a aproximação do mesmo com a Cidade Imperial, ocorreu o processo de reabilitação da memória como projeto político e cultural. Ou seja, o presidente da República tinha como objetivo romper com as narrativas da Primeira República e criar uma outra narrativa a fim de construir uma identidade nacional a partir da coesão social. A idealização de uma Cidade Imperial sem problemas e conflitos, teve como argumento, o silenciamento e a ausência de pesquisas em relação às experiências dos africanos livres e dos escravizados. “Com a instalação de um governo despótico escravista, (...) as suas diversas culturas foram consideradas primitivas, exóticas e somente consentidas enquanto estivessem sob o controle do aparelho dominador.” (MOURA, 1989, pág 33)

O Museu da Memória Negra, equipamento inaugurado em novembro de 2021, busca manter uma discussão ativa em prol dos povos escravizados e sobre a cultura africana e afro-brasileira na cidade e, sobretudo, promover ações representativas e identitárias que resignifiquem a territorialidade local.

Sabe-se que há várias formas de esquecimento por parte do Estado e com propósitos diferentes, tais como a omissão, a negação, a manipulação e a destruição de eventos, documentos e provas. Um exemplo foi a política do Sincretismo para o desaparecimento das religiões de matriz africana. “Com esse sincretismo de uma só via acreditava-se que, dentro de pouco tempo, essas religiões [de matriz africana] desapareceriam no bojo de um catolicismo popular, o qual seria anexado ao corpo da Igreja Católica” (MOURA, 1989, pág 34). A política de anti-memória tem como

característica o extermínio ético e o genocídio, a ausência de espaços de memória. A autoridade política tem como objetivo construir uma imagem e uma narrativa idealizadora e satisfatória global.

5. PETRÓPOLIS E O QUILOMBO TAPERA

Durante uma época de escravidão plena, o surgimento dos Quilombos foi uma expressão de resistência contra o regime imposto. No livro História do Negro Brasileiro, Clóvis Moura traz uma definição de quilombagem quando diz “Entendemos por quilombagem o movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo território nacional” (MOURA, 1989, pág 22). A Quilombagem não se restringe, no entanto, ao surgimento dos quilombos, mas os movimentos negros tinham neles seu ponto de partida.

Os quilombos serviam de abrigo, não só para negros como também para “índios perseguidos, mulatos, curibocas, pessoas perseguidas pela polícia em geral, bandoleiros, devedores do fisco, fugitivos do serviço militar, mulheres sem profissão, brancos pobres e prostitutas” (MOURA, 1989, pág 24, 25). Esses espaços que acolhem essas pessoas têm organização, hierarquia e economia próprias e ajudaram na luta contra os escravistas por gerar um desgaste econômico. Para os escravistas cada fugitivo era uma propriedade privada perdida.

Por estes e outros motivos, na obra de Moura (1989) os quilombos são considerados uma experiência de emancipação revolucionária. O quilombo Tapera é, para a cidade de Petrópolis, um marco da resistência dos escravizados. Até hoje, quando se fala sobre Petrópolis, vem à mente a Cidade Imperial, povoada por pessoas brancas. É preciso valorizar, portanto, os atos de memória da escravidão e cultura negra, para que não sejam apagados por uma história contada por brancos. Petrópolis está longe de ser uma cidade perfeita com uma história de contos de fadas. É preciso lembrar do papel dos escravizados na construção da cidade e dos quilombos que já existiram e o que ainda permanece, o Quilombo Tapera.

O Quilombo Tapera foi fundado quando Agostinho Corrêa da Silva Goulão doou a seus escravos libertos a área correspondente ao quilombo, em testamento “que determina também o uso e o gozo vitalício aos antigos escravos e aos seus descendentes” (Silva, 2018). Quatorze famílias de escravizados, saídos da Fazenda Santo Antônio formaram o Tapera. Agostinho não era, no entanto, um herói, e o

surgimento do Quilombo Tapera lembra que os quilombos espalhados por todo o Brasil têm histórias diferentes. Não há um “padrão” de quilombo. Portanto, o foco da história do Quilombo Tapera deve estar nas “Técnicas especializadas em produção de produtos agrícolas, logística, culinária, química, mineração, fitoterapia, valores ancestrais africanos, e forte desenvolvimento econômico.” (Silva, 2018) e não no suposto “benfeitor”.

O Quilombo teve seu papel no enfraquecimento do regime escravista por “Particularidades que ganharam vida e pouco são atribuídas à população negra como o trabalho por condição de realização, aprender uma profissão, valorização da família e educação por meio de valores africanos” (Silva, 2018). Em sua organização tem-se uma história de solidariedade entre os livres, escravos e ex-escravos libertos. “Os quilombos são um movimento político de recriação do significado e do exercício da liberdade nos mais diversos tipos de aquilombamentos” (Silva, 2018, pág 128).

No dia 16 de maio de 2011 o Quilombo Tapera foi reconhecido, pela Fundação Palmares. A comunidade recebeu a Certidão de Autodefinição que anuncia que a comunidade se autodefine como remanescente de quilombo.

Ao serem reconhecidas como remanescentes de quilombo, essas comunidades passam a ter direito a programas como o Minha Casa Minha Vida Rural, o Luz para Todos, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Programa de Bolsa Permanência. Além disso, também podem solicitar ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária da titularidade das terras em que estão localizadas. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 26/12/2018)

Em 2011 também ocorreu um desastre natural que quase destruiu a história do quilombo. As fortes chuvas destruíram algumas casas feitas de pau a pique, o que deixou quilombolas ilhados ou sem ter onde morar. A tragédia chamou atenção para o Quilombo Tapera que recebeu ajuda e pode se firmar com novas casas, energia elétrica e ônibus escolares, que ajudaram as crianças e adolescentes a ter melhor acesso a escola.

6. CONCLUSÃO

As narrativas históricas e sociais isentas de contradições e disputas contribuem para escamotear as lutas contra opressões e exploração que caracterizam a formação social brasileira permeada de invasões e violências. Esse apagamento e silenciamento funcionam como eficientes mecanismos para perpetuar desigualdades mantendo no poder representantes de um mesmo grupo dominante.

Na cidade de Petrópolis o Quilombo Tapera representa a tensão desestruturante dessa suposta harmonia histórica que teria constituído a rica e exuberante Cidade Imperial. Se os quilombos, como ensinou Moura “criaram mecanismos de defesa contra a escravidão e os seus valores, a partir dos seus próprios valores e padrões culturais” (1989, pág. 37) numa resistência ao regime imposto, eles constituem uma força histórica e incessante de rebeldia as cisões que caracterizam nossa formação e mais, ressignificam a luta negra, recorre correntemente negada, ignorada e contida.

Vê-se, na história de Petrópolis, contada por brancos, um grande apagamento do contexto histórico escravista da época. A resistência negra e de escravizados deve ser lembrada, preservada e reconhecida nas suas expressões contemporâneas. Territórios como o Quilombo Tapera cumprem esse papel.

A desigualdade e violência que perduram ainda hoje em Petrópolis em relação as famílias trabalhadoras negras e a incessante rebeldia por elas protagonizadas, seja nas estratégias cotidianas ou em mobilizações coletivas demonstra o quanto a quilombagem é um conceito ainda útil para a apreensão de características atuais da luta de classes no Brasil, luta essa incompreensível se não tomada nas articulações de raça-classe-gênero.

Abrimos aqui um panorama de questões que contemplam as expressões históricas e contemporâneas da questão social na localidade de Petrópolis e suas conexões com processos regionais e até internacionais. Sabemos que há muitos aspectos a serem pesquisados, a própria questão indígena na localidade é uma delas, a atual configuração do poder político e a ocupação da cidade de forma segregada e perigosa para as famílias trabalhadoras são outros aspectos potenciais de pesquisa. Acreditamos que em trabalhos futuros e na interlocução com outros pesquisadores e com os sujeitos coletivos organizados de Petrópolis tenhamos oportunidade de aprofundar e qualificar nossa análise contribuindo para o fortalecimento do protesto radical em busca de um novo modelo societário.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Raízes da América, 2022

MARX, Karl. **O Capital, Volume I, Tomo 2**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MOURA, Clóvis. **A Quilombagem como Agente de Mudança Social**. In._____. História do Negro Brasileiro. São Paulo: Ática, 1989.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

QUILOMBO DA TAPERA: A memória do povo africano em Petrópolis. Tribuna de Petrópolis, 26 dez. 2018. Disponível em: <<https://tribunadepetropolis.com.br/noticias/quilombo-da-tapera-a-memoria-do-povo-africano-em-petropolis/>> Acesso em 24 nov. 2022.

SILVA, Lucas Ventura da. **A História Calada: Africanos e o Silenciamento da Memória Negra em Petrópolis**. Disponível em: <<https://web2.petropolis.rj.gov.br/festaubuntu/a-historia-calada-africanos-e-o-silenciamento-da-memoria-negra-em-petropolis/>> Acesso em: 30 nov. 2022.

SILVA, Renata Aquino da. **Afroinscrições em Petrópolis: História, Memória e Territorialidades**. Tese (Programa de pós-graduação em educação), Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, vol. I, 1983.

TAULOIS, Antonio Eugênio. **Petropolis; História**. Disponível em: <<https://www.petropolis.rj.gov.br/imc/index.php/petropolis/historia#:~:text=A%20fund a%20C3%A7%C3%A3o%20da%20cidade%20de,exuber%C3%A2ncia%20e%20ameni dade%20do%20clima>> Acesso em: 30 nov. 2022.